

Uma segunda chance

Refazendo-se de um antigo relacionamento

**"De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto."**

(Soneto da Separação - Vinícius de Moraes)

Um dia você desperta e tudo ao redor lhe parece estranho. Quem é esse homem a seu lado? Sem o encanto e o viço da juventude, esse senhor cansado, que vive reclamando da vida, nem de longe lembra o namorado, o amigo, o amante. As marcas na parede nunca pareceram tão incômodas, tão presentes. E trazem à lembrança todas as grosserias, indelicadezas, mágoas profundas. Quando a sensação se repete dia após dia, você tem certeza: acabou. É chegado o momento de arrumar a mala ou a vida.

Separação acarreta perda, por isso é sempre triste e dolorosa. Vão-se os sonhos, algumas ilusões e uma parte daquilo que de melhor tínhamos a oferecer. O pesadelo parece interminável, mas nada como o tempo para curar as feridas... Recompota, algo refeita, você decide ir à luta, em busca da merecida felicidade.

Como gata escaldada tem medo de água fria, nem toda mulher aposta suas fichas num novo relacionamento. Para algumas, vale o ditado: errar é humano, repetir o erro é burrice. Há também aquelas que acreditam que "quem

muda de marido, apenas muda de defeito...” E tentam reformular o velho relacionamento através de uma conversa franca, o que requer dose generosa de boa vontade e receptividade por parte do companheiro.

É difícil, mas não impossível. Principalmente quando ambos reconhecem, no fundo dos olhos do outro, aquelas criaturas apaixonadas que, no passado, trocavam juras de amor. Aceitar as mudanças de parte a parte é o maior desafio; flexibilidade e maturidade são matérias-primas fundamentais para o sucesso dessa reforma, além, é claro de um bom projeto. Convém estabelecer um prazo final para tal “reconstrução”. Senão, a vida se torna uma espera sem fim, gerando ansiedade e conseqüente frustração. Lembre-se: o tempo é o único bem que não se recupera, invista certo para não se arrepender futuramente.

No que se refere a novas tentativas na busca do companheiro ideal, já vi as mais incríveis histórias. Conheço a mulher, pouco mais que uma adolescente, que perdeu o companheiro num desastre aéreo. Viúva e grávida, arriscou-se num novo relacionamento, alguns meses depois do nascimento da filhinha, com um antigo pretendente. Recuperada, realizou com o novo marido o sonho de uma família, coroada por mais cinco filhos. Quem os vê tão unidos e apaixonados, quarenta anos depois, nem de longe desconfia que existiu um “outro” em suas vidas.

Há também o caso da amiga especializada em “casa/separa, casa/separa”. Já perdi a conta de quantas vezes ela jurou ter encontrado a cara metade, “Este sim, é perfeito!!”, repete entusiasmada a cada conquista. Seu modelo de “perfeição” consiste em um belo corpo malha-

do, muitos anos mais jovem, muita disponibilidade para amar – e pouquíssima para trabalhar... Repetindo o padrão que não deu certo, ela se vê às voltas com o mesmo indesejado resultado. E reclama da vida, apoiada no velho jargão de que “todos os homens não prestam”.

Uma vizinha tentou o que se pode chamar de “mudança radical”. Esportista e jovial, adorava aventurar-se com o primeiro marido em viagens de moto, campings selvagens, escaladas e até saltos de pára-quedas. Não foi possível, no entanto, conviver com o lado imaturo do garanhão quarentão que vivia “azarando umas gatinhas”.

Eis que ela lhe deu o bilhete azul e passou a viver sozinha até sentir-se atraída exatamente pelo oposto do ex: um cinquentão executivo, do tipo metódico, apreciador de xadrez e de um bom cachimbo, seguidor religioso dos horários por ele impostos, leitor de jornal na cama, sempre metido num robe de chambre.

A mulher bem que tentou carreira solo em seu mundinho esportivo, participando de minimaratonas em finais de semana, fugindo para a academia nos horários compatíveis, sonhando com novos horizontes ecológicos a explorar. Não deu certo. Os restaurantes da moda, favoritos de seu novo companheiro, com suas irresistíveis e calóricas iguarias, não combinavam com seu perfil “sarado”. Infeliz com a nova frustrada tentativa, choramingava: “Os homens são todos uns egoístas, não dá pra ser feliz.”

Ele estava sozinho, tinha dois filhos, um de cada casamento; ela tinha uma menina, de um relacionamento anterior complicado, com um homem casado. Resolveram juntar esforços e a prole diversificada, baseados exclu-

sivamente numa forte atração e no sentimento característico das pessoas de boa vontade. Dessa quase moleca-gem, surgiu um amor sincero e maduro, que estruturou-se aos poucos, dando espaço a uma grande e heterogênea família, consolidada com mais uma garotinha. Quem disse que o mundo é dos certinhos? Com respeito e objetivos comuns, o que começou como amizade e apoio mútuo evoluiu para um casamento sagrado, superando todas as expectativas e convenções.

Há também a incrível história do retorno ao primeiro amor. Conheceram-se adolescentes, namoraram, separaram-se por imposição dos pais. Mesmo casados, mantinham um romance do tipo “tudo bem no ano que vem”, encontrando-se às escondidas sempre que possível. Mudanças vieram: de emprego, de cidade, de estado. E nada fazia esmorecer aquela paixão juvenil. Um dia, a esposa dele anunciou que ia embora; partiu, literalmente, atrás de um disco voador. Ele ligou, dizendo: “Ela me deixou.”

Sem perder tempo, ela fez as malas, a pretexto de internar-se num spa, e foi conferir de perto as reais possibilidades e condições de vida em comum. Voltou, pediu o divórcio. Acertou a guarda dos filhos e carregou-os para o longínquo estado, numa viagem de férias que perdura até hoje. Em uma semana, foi capaz de resolver o que muitas mulheres – e homens também – levam meses, anos, décadas para decidir. Às vezes, é preciso muita coragem e ousadia para transformar sonhos juvenis em realidade. Juntos, ambos conseguiram.

De fato, não há fórmula infalível para quem almeja uma segunda chance visando acertar num relacionamento

de ouro. Alguns pontos, no entanto, são fundamentais nesse processo de reestruturação. O desejo de mudança, por exemplo. É preciso flexibilidade e disponibilidade para aceitar o novo, mesmo que sejam “novos defeitos”. Modificações interiores são exigidas; talvez, no fundo, você esteja insatisfeita com aspectos negativos de sua própria personalidade, aqueles que se tornam facilmente visíveis quando projetados no outro.

Repetir um padrão, via de regra, conduz ao mesmo tipo de relacionamento insatisfatório; às vezes perseguimos obsessivamente o mesmo invariável perfil por medo de mudanças radicais que nos colocam frente a frente com o “terrível desconhecido”.

Buscar no parceiro o que nos falta não significa que ele representa, verdadeiramente, nossa parte complementar. Temos de estar inteiras para mergulhar num novo relacionamento, que só vale a pena experimentar depois de curarmos nossas próprias feridas. Se necessitar de socorro urgente, recorra a um médico, a um psicólogo, a algum tipo de terapia; evite projetar no companheiro suas angústias, medos, incertezas.

É preciso abandonar também todo tipo de generalização; quando você acredita em besteiras do tipo “nenhum homem presta” ou “homem é tudo igual, só muda o RG”, cria um bloqueio mental em seu radar seletivo, apto para localizar um tipo diferente – exatamente aquele que você procura – em meio à multidão.

Ante essa programação defensiva, mesmo que lhe apareça pela frente um tipo “tudo de bom”, lindo, desimpedido, romântico, honesto, inteligente e trabalhador, ele

não terá vez, porque o radar-poupa-decepções sinalizará com a mensagem automática: “Perigo!” ou “Modelo virtual; este homem não existe, mas, se existir, será desintegrado em cinco segundos!”. Relaxe e reflita: existem alguns bilhões de homens sobre a face da Terra, é praticamente impossível que nenhum deles esteja à altura de suas exigências.

É interessante notar como algumas mulheres inteligentes, bonitas e bem-sucedidas profissionalmente tornam-se vulneráveis e inseguras quando se trata de encarar um relacionamento amoroso.

Objetivos emocionais, como o “grande encontro” podem – e devem – ser planejados como outros quaisquer, não precisam ser abandonados à mercê do acaso ou do destino, como se independessem de sua vontade. E isso inclui muito mais que a simples audácia de frequentar bares de paquera ou “emperuar-se” para chamar a atenção. Requer atitude, vontade e ação. Ou, como enfatiza minha orientadora: agenda, foco e método. Aliás, bons lemas para qualquer coisa que se queira na vida.

Sabemos que é possível optar pelo caminho da individualidade – talvez uma segunda chance para fazer somente o que se quer, sair por aí livre como um táxi. Quem escolhe permanecer só, em geral, não padece de solidão. Corre o risco, é certo, de everedar pela senda reta e direta do egoísmo, vivendo sob a redoma protetora de sua exclusiva vontade. Afinal, relacionamentos amorosos que incluem convivência sob o mesmo teto são excelentes escolas para o desenvolvimento da saudável arte da convivência. Considere isso ao fazer sua opção.

Uma vez consciente de suas possibilidades, vá à luta. Você tem todo direito de tentar. Não contabilize os erros, invista nos acertos. Tenha em mente que as oportunidades só aparecem para aqueles que vão ao seu encontro. Siga em frente com confiança, alegria, fé na vida e muito amor no coração. E que você encontre o seu verdadeiro lugar no mundo, quem sabe em boa companhia...

Receita para arranjar um companheiro

Ingredientes:

- Faça uma lista das características que não aprecia em seu relacionamento anterior/atual. Passe a limpo suas anotações, escrevendo, ao lado, como gostaria que as coisas fossem.
- Escreva todas as características que considera essenciais num companheiro: tipo físico, características emocionais/de personalidade, perfil profissional, estado civil, filhos, poder aquisitivo. Leia e elimine da lista o que não tiver importância para você.
- Anote no verso as características negativas que você não aceita de jeito nenhum. Passe a limpo e guarde num lugar de fácil acesso, para conferir quando precisar.

Preparo:

- Proponha uma data futura para encontrá-lo (ex.: “até meu próximo aniversário”, “até o Natal”, etc.). Esta informação é importante para sua mente inconsciente “agendar” o acontecimento, acionando o “radar” das oportunidades.
- Complete a frase acima no presente do indicativo; ou use gerúndio Ex.: No meu aniversário (diga o dia, mês e ano futuro)

estou [namorando/viajando/saindo/casada] com um homem (até 30 anos, alto, moreno, divorciado, sem filhos, profissional liberal, carinhoso, inteligente, extrovertido, etc.). Lembre-se de relacionar todas as qualidades importantes para você.

- Visualize a pessoa “sem vê-la”. Deixe o Imaginário agir: evite o “vodu” fixando o pensamento em alguém conhecido. Dê uma chance ao destino – quem sabe a vida não lhe reserva uma surpresa bem melhor? Você pode “visualizar” alguém “sem rosto”, por exemplo, visto de costas; ou pode estar falando sobre ele (sem vê-lo) numa imaginária conversa ao telefone com uma amiga (neste caso, visualize-se ao telefone, descrevendo-o suas características gerais, conforme a sugestão acima).

- Consulte suas listas cada vez que deparar com o “candidato a marido/companheiro”; se ele tiver qualquer uma das características negativas, fique atenta: é bem provável que ele não ser o almejado “príncipe encantado”. Procure fixar-se sempre nas características positivas (aquelas que aprecia) em vez de evitar as que detesta.

Para reformular seu relacionamento atual:

- Examine sua real disponibilidade de mudar; e a real disponibilidade/vontade do parceiro.

- Exercite sua flexibilidade e criatividade (Quem sabe revelando-se “uma nova pessoa” seu companheiro atual também passe a apresentar características positivas reprimidas até o momento?)

Em qualquer situação:

- Uma vez decidida, vá em frente, seja para continuar, seja para desistir. Libere o passado: siga, confiante, seu novo rumo.

Do jeito que a gente gosta

Orgasmo é direito adquirido e não dever a ser cumprido

Em 8 de março comemora-se o Dia Internacional da Mulher. Apesar de tudo o que conquistamos e do respeito cada vez maior à condição feminina, vez por outra deparamos com estranhas tradições que reproduzem histórias e atitudes grotescas, remetendo-nos a algum obscuro lugar do passado.

Exemplo disto é o costume da fibulação, presente em alguns países africanos, que consiste no fechamento da vagina por meio de uma costura, a fim de evitar a penetração. Ou a ablação de genitais, outra face terrível da barbárie e da violência impostas à mulher, ainda em voga nos dias atuais em alguns países seguidores da tradição muçulmana fundamentalista.

Em pleno século XXI, meninas sofrem mutilação genital, tendo o clitóris, os grandes e pequenos lábios vaginais amputados a sangue frio. A “cirurgia”, realizada sem os mínimos critérios de higiene, emprega uma navalha comum e nenhum tipo de anestésico.

Parece incrível, mas nesse mundo ainda dominado pela força física e intelectual dos homens, é proibido à mulher manifestações de afetividade, e principalmente, de qualquer gesto cuja conotação remeta ao gozo sexual.

No Brasil, discussões sobre frigidez feminina, direito a orgasmo, homossexualismo e outras relacionadas à utilização do corpo como instrumento de prazer ganharam